A TRADUÇÃO DE DOCUMENTOS RELATIVOS AO BRASIL CONSERVADOS NOS ARQUIVOS PÚBLICOS ESPANHÓIS (XVI-XIX)

Fabrício Mota (UFRR e IFRR)
fabricaos@yahoo.com.br
Eliabe Procópio (UFC e UECE)
eliabe.procopio@uece.br

RESUMO

O contato entre português e espanhol sempre ocorreu de forma contínua, posto que são línguas próximas não apenas do ponto de vista geográfico, mas também cultural e linguístico. Assim, temos identificado um considerável número de documentos importantes relativos ao Brasil e conservados nos arquivos públicos espanhóis; textos estes traduzidos do português para o espanhol e que fazem menção a assuntos envolvendo Península Ibérica (Espanha e Portugal), Brasil e alguns países hispano-americanos. Considerando que ditas línguas compartilham semelhanças, cabe-nos saber em que medida isso influencia na tradução entre tais línguas. Desta forma, objetivamos analisar a tradução de documentos da língua portuguesa para a espanhola, durante os séculos XVI ao XIX. Como fundamentação teórica, temos Barbosa (1990), que resenha criticamente uma lista de procedimentos de tradução, coletados nas principais referências teóricas da área; Waddington (1999) que apresenta o conceito de erro em traduções entre inglês e espanhol, e Hatim e Mason (1995) que, sob a ótica do discurso, teorizam a tradução, na qual, segundo eles, participam não apenas elementos formais, inclusive textual-discursivos e pragmáticos. As ações metodológicas foram: identificação destes documentos escritos em português com sua respectiva tradução ao espanhol, edição semipaleográfica, cotejo, identificação, categorização e análise de trechos compreendidos como procedimento tradutórios. Apesar de a pesquisa estar em andamento, observamos que os tradutores procuram ser o mais fiel possível, usando da tradução direta. Em poucos casos, ele faz adaptações: importando a palavra ao espanhol, ou apenas acomodando o termo à morfossintaxe espanhola, principalmente quando a expressão é de origem popular. Notamos alguns dos chamados erros de tradução, quando, possivelmente, o tradutor ou não entendeu a escrita do original em português, ou não conhecia dada expressão.

Palavras-chave:
Línguas em contato. Português. Espanhol. Tradução. Documentos espanhóis.

1. Introdução

Objetivamos apresentar resultados preliminares do projeto de pesquisa *tradução de documentos relativos ao Brasil conservados nos arquivos públicos espanhóis (XVI-XIX)*, uma ramificação do projeto maior intitulado "Documentos relativos ao Brasil conservados nos arquivos públicos espanhóis", o qual iniciamos no ano de 2009, em Madri, quando de nossa estada no *Consejo Superior de Investigaciones Científicas* (CSIC).

Observamos que, nos arquivos públicos espanhóis, há muitos documentos que fazem referência ao Brasil, datados a partir do período colonial, precisamente de 1535. Porém, efetuamos uma rigorosa seleção visto que, em alguns textos, a referência é muito pouca, citando apenas o termo *Brasil* uma única vez, sem muito aprofundamento. Assim, o documento em si não viabilizaria um estudo mais aprofundado para nossa pesquisa, considerando que nosso âmbito de interesse é: língua em contato, história das línguas portuguesa e espanhola e edição de texto.

Também observamos que, dentre esses textos, alguns se tratam de traduções da língua portuguesa para a espanhola e vice-versa. Dessa forma, surgiu-nos o interesse em examinar como se procedeu à tradução desses documentos escritos nessas as línguas tão próximas.

Como nosso foco são os séculos XVI e XVII, identificamos apenas 3 manuscritos. Contudo, como localizamos outros, ampliamos o critério de seleção "período cronológico" (XVI a XIX) e arrolamos 6 escritos: 1 do séc. XV, 3 do séc. XVII e 2 do séc. XIX.

Ressaltamos que, além dessas traduções, existem outras, mas entre espanhol e outras línguas, inglês, francês e alemão, principalmente.

2. Breve descrição do corpus

Embora tenhamos afirmado que os textos selecionados pertençam aos séculos XVI, XVII e XIX, existe um que data de 1492, que é o Tratado de Tordesilhas, versão portuguesa, entretanto sua versão castelhana data de 1526. Dessa maneira, entendemos que com essa diferença de oitos anos e considerando que a tradução é do século XVI, seria mais conveniente encaixá-los todos entre os séculos XVI e XIX.

Para a seleção dos manuscritos, usamos o *Portal de Archivos Españoles*[3], uma plataforma virtual, criada pelo Ministério Espanhol de Cultura, no qual se disponibiliza os materiais (manuscritos, filmes, mapas, croqui, fotos, áudio etc.) arquivados nos vários arquivos públicos espanhóis. Uma vez no portal, utilizamos os seguintes critérios de seleção dos escritos traduzidos: (**a**) textos escritos em espanhol por falantes nativos ou não, traduzidos para o português; (**b**) textos escritos em português por falantes nativos ou não, traduzidos para o espanhol; (**c**) textos escritos entre os séculos XV a XIX, especificamente 1500 a 1900; (**d**) textos que fizessem considerável referência a algum aspecto do Brasil: geografia, política, história, conquista etc. e (**e**) textos que fossem do tipo pergaminho, manuscrito ou impresso.

Acusamos ainda a existência de outras traduções de textos referentes à relação colonialista entre Península Ibérica, especificamente, Portugal, e suas colônias africanas e asiáticas, por exemplo, há um manuscrito do séc. XVII, uma capitulação referente à Ternate, uma ilha do Arquipélago Molucas.

Selecionados os textos, procedemos com a edição filológica. Aqui, seguimos os critérios propostos pelo grupo *Corpus Hispánico y Americano en la Red: Textos Antiguos* (CHARTA/Universidad de Alcalá de Henares, Espanha) – embora os textos façam menção e foram selecionados usando como palavras-chave 'Brasil' e 'português', por exemplo, eles, os documentos, pertencem a tradução textual hispânica, prova disso é o fato de haverem sido as versões espanholas que nos conduziu às portuguesas. Dai que optamos pelo modelo de CHARTA.

O outro motivo é que o modelo apresentado pelo grupo nos parece mais satisfatório, pois prevê uma edição tríplice, a saber: (I) ***Semipaleográfica***: apresenta um perfil mais conservador, em que se busca transcrever os elementos mais essenciais do texto; precedida por um sumário paleográfico; e mais direcionada ao historiador da língua, paleógrafo, interessados em investigar o estado linguístico do momento referido, a grafia utilizada, organização textual etc. (II) ***Crítico-anotada***: apresenta um perfil sistematizador, em que se busca normalizar a grafia, organização textual, pontuação, acentuação, inserem-se notas, efetuam-se críticas. A regra é regularizar para facilitar a leitura, já que se direciona a um público mais interessado no conteúdo do texto. Apesar de aqui

[3] Portal de Archivos Españoles (PARES): http://pares.mcu.es

se permitirem interferências no original, vale lembrar que a intervenção deve ser minimizada o máximo possível. (III) ***Fac-similar***: nesta fase, apresenta-se o fotograma do original. Mais direcionada a especialista no tema.

O manual de edição de CHARTA se encontra na página web do grupo[4], porém, há uma versão revista e atualizada, realizada por Procópio (2012), na qual é citada a função *tradutor* não prevista na versão inicial do dito manual.

A seguir, apresentamos a relação dos textos, com seus respectivos sumários filológicos, contendo algumas informações arquivísticas, codicológicas e paleográficas.

SÉCULO XVI

D1. Tratado de Tordesillas – AGI, PATRONATO, 1, N.6,R.1

1494 Tordesilhas, Setúbal

Tratado de Tordesilhas entre os Reis Católicos, e o Rei de Portugal, com as capitulações sobre demarcação e limites do Mar Oceano datadas em dita cidade, 7 de junho de 1494, e ratificadas pelo rei português em Setúbal, 5 de setembro de 1494.

Versão portuguesa: pergaminho; maço de 17 folhas, sendo 13 escritas e as restantes distribuídas entre capa, contracapa e quarta capa. Cosido pelo cordel do selo-medalha (o da imagem). Escrita gótica de privilégio, com letra capital à entrada inicial do texto. Com carimbo do Arquivo Geral de Índias (AGI), no canto inferior direito. *Versão espanhola*: Cópia datada de 8 de fevereiro de 1524, neste traslado faltam parte das capitulações e a fórmula de ratificação com a data; no dístico e glosas finais, indica-se que se trata de um traslado de um livro de cópia; data do diploma: 1494 de junho de 07. Grupo de 12 páginas, mancha escura que perpassa todas as folhas, algumas restauradas com fita adesiva clara. Escrita gótica pré-cortesã, com carimbo AGI no canto superior direito.

SÉCULO XVII

D2. Capitão Manuel de Sousa de Sá: rota do Amazonas – AGI, Patronato Real, 272, r. 5 s.d. [1614] (s.l.) [tradução 1615 julho 9 (Madri, Espanha)]

Rota do rio das Amazonas feita pelo capitão português Manuel de Sousa de Sá ao vice-rei [s.d.]. Tradução de Tomás Gracián Dantisco, em Madri, 7 de

[4] http://www.charta.es

julho de 1615.

Versão portuguesa: maço de 2 folhas; escrita humanística, com leves traços de gótica processual; carimbo do AGI e anotação de local ao lado esquerdo inferior. *Versão espanhola*: maço de 6 folhas; escrita humanística, anotação de local ao lado esquerdo inferior. Indicam-se, no dístico final, nome do tradutor, data e local, e preço da tradução.

D3. Franceses apresados na batalha de Guaxenduba, rio Maranhão – AGI, PATRONATO, 272, R.2 1614 novembro 29 [tradução 1615 julho 11]

Autos e diligências praticados por Jerônimo de Alburquerque Maranhão, capitão-mor, e Diego de Campos Moreno, sargento-mor do estado do Brasil, sobre uns franceses que se haviam apresado na batalha de Guaxenduba, no rio Maranhão. 29 de novembro de 1614. Em português, tradução ao castelhano realizada por Tomás Gracián Dantisco. Madri, 11 de julho de 1615.

Versão portuguesa: maço de 17 folhas; escrita humanística com forte tendência à gótica processual; apenas na primeira folha estão o carimbo do AGI e inscrição de local, ambos centralizados no final. *Versão espanhola*: maço de 43 folhas, escrita humanística, anotação de local ao lado esquerdo inferior. Indica-se no dístico final, nome do tradutor, data e local, e preço da tradução.

D4. Viagem e jornada ao Maranhão: encontro com os franceses – AGI, Patronato, 272, R. 2, 1615 julho 7 [1615 julho 7]

Relação de viagem e jornada que se fez ao Maranhão e encontro que se teve com uns franceses. Detalham-se os dias de saída, arribação a certos portos e encontros que tiveram [s.d.]. Em português, tradução feita por Tomás Gracián Dantisco em Madrid, 7 de julho de 1615.

Versão portuguesa: maço de 4 folhas; escrita humanística com leves traços à gótica processual; apenas na primeira folha estão o carimbo do AGI e inscrição de local, no canto inferior esquerdo; há roturas nas margens superior e inferior em todas as folhas. *Versão espanhola*: maço de 20 folhas, escrita humanística, sem carimbo de arquivo, anotação de local ao lado esquerdo inferior. Indica-se no dístico final, nome do tradutor, data e local, e preço da tradução.

SÉCULO XIX

D5. Sobre conduta e projetos do governo do Rio de Janeiro – AGI, ESTADO,81,N.73, 1809-04-03 Buenos Aires

Carta de Carlos José Guetzi ao Vice-rei de Buenos Aires, Santiago Liniers, acompanhando um papel fazendo um resumo das notícias que circulavam no Rio Janeiro sobre conduta e projetos daquele governo com respeito à Buenos Aires e à América espanhola. Por duplicado. (Há um exemplar em portu-

guês e outro em espanhol).

Versão portuguesa: maço de 6 fólios; escrita humanística; inscrição de local no lado esquerdo inferior. *Versão espanhola*: maço de 5 fólios; escrita humanística; carimbo e indicação de local no canto inferior esquerdo; indicam-se, no cabeço, que se trata de uma tradução e, no dístico final: "{16} Está fielmente traducido de orden de S<u> E<Xcelencia> {17} Buenos Aires 3 de Abril de 1809 {18} [*assinatura*] Fran<cisco> Diaz de Arenas"

D6. Acontecimentos de Buenos Aires e atuação dos portugueses – AGI, ESTADO, 87, N.38, 1811

Expediente sobre as notícias comunicadas do Rio de Janeiro pela Infanta Carlota Joaquina de Borbón, acerca dos acontecimentos de Buenos Aires e a atuação dos portugueses do Brasil.

(n. 2) Cópia do ofício do conde de Linhares, ministro de Assuntos Estrangeiros do Brasil, a Diego de Souza, governador do Rio Grande do Sul, ordenando-lhe que leve o maior número possível de tropas à fronteira do Rio Grande do Sul para evitar que os rebeldes, entre os que se encontram desertores portugueses, possam penetrar no Brasil. Adverte-lhe que se o Vice-Rei Elio lhe pede ajuda não se a preste e que somente lhe proponha uma mediação com a Junta de Buenos Aires. Em caso de que a Junta se negue a esta mediação, preste-lhe toda a ajuda necessária ao Vice-Rei Elio. (Rio de Janeiro, 30 maio 1811). Com tradução ao português.

Versão portuguesa: 4 folhas; escrita humanística; indicação no início e final de que se trata de cópia; carimbo e indicação de local em todas os finais de página. *Versão espanhola*: 4 folhas, escrita humanística; indicação no início de que se trata de tradução e cópia; carimbo e indicação de local ao final de todas as páginas.

(n.8) Cópia da carta do conde de Linhares, ministro de Assuntos Estrangeiros do Brasil, ao Vice-Rei Elio propondo sua mediação com a Junta de Buenos Aires para o cessamento das hostilidades e que, em caso de não aceitar, o Príncipe Regente do Brasil se consideraria livre de qualquer obrigação de ajuda. (Rio de Janeiro, 1 junho 1811). Com tradução ao português.

Versão portuguesa: 3 folhas; escrita humanística; indicação de cópia no final; carimbo e indicação de local em todas os finais de página. *Versão espanhola*: 4 folhas, escrita humanística; indicação no início de que se trata de tradução e cópia; carimbo e indicação de local ao final de todas as páginas.

O Tratado de Tordesilhas parece ser o primeiro documento traduzido ao espanhol, que pode ser classificado nesta linha de textos referentes ao Brasil, conservados em arquivos públicos espanhóis; embora não haja uma menção direta ao que conhecemos como Brasil colonial, porém nas demarcações estabelecidas, já se reconhecia a existência dessas terras.

Dos três séculos citados, destacamos os textos do século XVII,

pois formam um grupo denominado "Empresa do Maranhão", cujo assunto é a defesa da costa maranhense por uma armada portuguesa (e brasileira, já que seus oficiais e praças eram quase todos nascidos no Brasil) quando da invasão francesa e a implantação da chamada França Equinocial. Essa incursão francesa no nordeste brasileiro ocorreu por volta do ano de 1612, que sob o comando de Daniel de La Touche, *Monsieur de la Ravardière*, trouxe cerca de quinhentos colonos, entre homens, mulheres, crianças e religiosos capuchinos, fundando um povoado em uma ilha do golfo maranhense, denominada pelos tupinambás de Ilha Grande ou Upaon-Açu; posteriormente, batizada pelos franceses de São Luiz (Saint Louis) em homenagem ao rei Luís XIII de França (1610-1643). Embora as autoridades coloniais brasileiras tivessem efetuado pequenos ataques, foi apenas em 1614, que saem da capitania de Pernambuco tropas por terra e mar, comandadas pelo governador Alexandre de Moura que, na batalha de Guaxenduba (*Batalla de Guasinduba*), conseguiu aniquilar as investidas francesas e aprisionar ao Senhor de la Ravardière (cf. CONSTANCIO, 1839).

Outro ponto interessante é que este citado grupo de documentos confirma a hipótese de Berwanger (1995, p. 49), segundo a qual a escrita americana de textos judiciais ou processos públicos, do período colonial, é humanística, porém manifesta traços esparsos de gótico do tipo processual.

Quanto aos textos do século XIX, sua referência consiste nos antecedentes da Guerra da Cisplatina. Apesar de listarmos apenas 2 documentos, há um considerável número de diplomas referindo-se não apenas aos antecedentes, mas também à guerra em si e suas consequências.

Além da contribuição para estudos de história ibero-americana e linguística descritiva, a edição textual das traduções possibilitou, por exemplo, reconstruir alguns originais que se encontram em estado de deterioro; como é o caso do (D4, 1614), que com suas margens danificadas, foi estabelecido conforme dedução do espanhol para o português.

Até o presente momento, editamos os seguintes: (D2, 1614/1615), (D3, 1614) apenas a tradução, (D4, 1614/1615), (D6, 1611, n.2). A partir dos quais, fixamos as três lições, semipaleográfica, crítico-anotada e facsimilar; elaboramos um vocabulário de siglas e abreviaturas.

3. Aspectos linguístico-filológicos da tradução

Objetivando divulgar resultados preliminares de nossa pesquisa, decidimos fazer um recorte e analisar apenas um texto do conjunto das três traduções, o *Roteiro do rio das Amazonas*, do capitão Manuel de Sousa de Sá (datado aproximadamente entre os anos de 1612/14), traduzido à língua espanhola, por Tomás Dantisco Gracián, como *Derrotero del río de las Amazonas*, em 1615.

Iniciamos nossa discussão com esta citação de São Jerônimo, patrono da tradução:

> É difícil a alguém que segue linhas alheias não desviar-se em algum ponto; é árduo que aquilo que em outra língua foi bem dito, conserve a mesma elegância na tradução. Foi expresso algo na propriedade de uma só palavra: não tenho a minha, pela qual traduza isso, e, enquanto procuro traduzir plenamente o pensamento, a custo somo espaços de um breve caminho mediante longo circunlóquio. (JERÔNIMO, F.1, 1r,)[5].

Essas palavras nos são úteis, não por que pretendemos realizar uma revisão histórica da literatura sobre tradução ou apresentar discussões primárias a respeito do tema ou algo semelhante, mas apontar a ideia corrente entre os especialistas da área, de que o ato de traduzir trás consigo dificuldades, pois está relacionado ao como trasladar o que cada comunidade linguística pensa do mundo, organiza suas vivências; ou seja, a translação entre línguas, variações – diatópica, diafásica ou diastrática, ou línguas tipologicamente semelhantes ou distintas (alfabética, ideográfica, sinal etc.) – sempre reserva um percurso "espinhoso" ao especialista. Tem que ver com: de que modo manter o texto traduzido plenamente fiel ao original ou até que ponto se consegue essa fidelidade. No caso de São Jerônimo, era a preocupação em manter a tradução da Bíblia, *Vulgata editio*.

Seguindo esse pensamento, analisaremos a tradução de *Derrota del Río de las Amazonas*, com a intenção de comparar o texto traduzido com o original, a fim de descrever e explicar o modo como foi efetuada a tradução, não para apontar "erros" de tradução, mas para identificar marcas estilísticas de Tomás Gracián, dado que, como "secretário real de línguas", quase a totalidade dos textos oficiais apresentados à Coroa espanhola de Felipe III, foi efetuada pela mesma pessoa e por entender que, como a Estilística é o estudo linguístico do estilo, das marcas e dos

[5] Original em latim.

recursos linguísticos (e afetivos) de um autor, nela podemos comparar os textos em português e espanhol a fim de, metonimicamente, esboçar uma gramática estilística da tradução real durante o primeiro quartel do século XVII por meio dos textos de Dantisco Gracián.

Como principal embasamento teórico, temos a Ducrot e Todorov (1995), Barbosa (1990) e Bally (s/d). Seccionaremos este texto da seguinte forma: aspectos filológicos, linguísticos, tradução e estilo, na qual procederemos com a descrição e análise da tradução.

3.1. Descrição filológica

O texto em português e a tradução encontram-se no *Archivo General de Indias* (Sevilha, Espanha), seção *Patronato Real*, pasta 272, r. 5, escrito pelo capitão português Manuel de Sousa de Sá ao vice-rei da colônia brasileira e traduzido por Tomás Dantisco Gracián, tradutor real de Felipe III de Espanha. O documento original não está datado, mas pela data da tradução, pelos dados históricos nele contidos e comparando com os documentos de mesma empresa militar, subentendemos que, cronologicamente, ele se encaixa no ano 1614; quando da primeira grande incursão portuguesa em solo maranhense e a segunda, período de registro dos outros documentos.

Quanto aos aspectos paleográficos e codicológicos, o texto em português está disposto em duas folhas, escrito em humanística, com leves traços de gótica processual. Quanto à tradução, disposta em 8 folhas, escrita em claríssimas letras humanísticas, traduzida e rubricada por Tomás Dantisco Gracián. Diplomaticamente, a tradução, assim como as outras, caracteriza-se pela presença de colofão padrão, no qual ele se identifica, registra o local e a data de tradução, localiza o documento no caderno de cópia e indica o preço de seu serviço – a seguir a transcrição semipaleográfica da tradução:

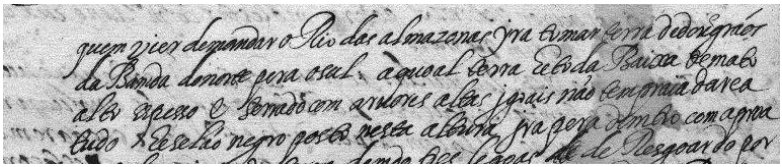
> {17} TraduZido dePortugues en Castellano {18} por mi Thomas Gracian Dantisco que {19} tengo el officio del secretario Diego Gra:{20}cian mi Padre engl<oria> y que por man<dado> {h 6} {1} y cedula particular del Rey nuestro {2} señor traduzgo sus escrituras y de Sus {3} conseJos y Tribunales . En Madrid , a {4} siete dias del mes de Julio de mil y Seis{5}cientos y quinze años . [*Rúbrica*]
>
> {6} Thomas Graçian Dantisco
>
> {7} va entres ojas

{8} p<agados> quatroreales y m<edio>

Em relação ao contexto histórico, como dissemos na introdução, este conjunto de textos denominado *Empresa del Marañón*, narra a defesa da costa maranhense por uma armada portuguesa (e brasileira, já que seus oficiais e praças eram quase todos nascidos no Brasil) quando da invasão francesa e a implantação da chamada França Equinocial.

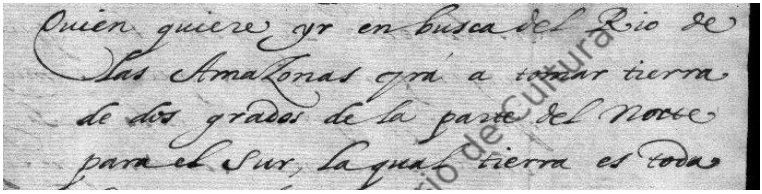
Embora as autoridades coloniais brasileiras tivessem efetuado pequenos ataques, foi apenas em 1614, que saem da capitania de Pernambuco tropas por terra e mar, comandadas pelo governador Alexandre de Moura que, na batalha de Guaxenduba (*Batalla de Guasinduba*), conseguiu aniquilar as investidas francesas e aprisionar ao Senhor de la Ravardière.

As edições do texto original e da tradução seguiram o padrão proposto pelo grupo CHARTA/Universidade de Alcalá de Henares: semipaleográfica, crítico-anotada e fac-similar. A seguir, oferecemos a transcrição semipaleográfica da metade do primeiro parágrafo de ambos os textos, antecedida por parte do fotograma correspondente[6]:



{h1} {3} quem vier demandar o Rio das Almazonas yra tomar terra dedou[*interlineado* s] rês {4} da Banda donorte pera osul: aquoal terra é toda Baixa de mato {5} alto espesso e Serrado com arvores altas jgoais não tem praia darea {6} tudo é selão negro posto nesta altura jra pera demtro com aproa {7} no Sul avista da terra damdo rês legoas [*tachado* de] de Resgoar do por {8} *[...]*

Texto original escrito em português



[6] Disponível em *Portal de Archivos Españoles* (PARES)*:* http://pares.mcu.es

{h 1} {4} Quien quiere yr en busca del Rio de {5} las AmaZonas yrá a tomar tierra {6} de dos grados de la parte del Norte {7} para el Sur, la qual tierra es toda {8} *[…]*

Texto original escrito em espanhol

No que diz respeito ao autor, o capitão Manuel de Sousa de Sá, obtivemos pouca informação, apenas que servia ao exército colonial em Pernambuco e que havia participado de batalhas na Paraíba. Já em relação ao tradutor, Tomás Dantisco Gracián, sabemos que era filho de Diego Gracián de Alderete e irmão do escritor Lucas Gracián Dantisco (autor de *Galeoto español*); nasceu em Valladolid em 1558, ocupou o posto de '*secretario de lenguas*' de Felipe III de Espanha, escreveu um tratado sobre a *Arte de escribir cartas*. Sendo mais conhecido por ter sido o censor de *El peregrino en su patria*, de Lope de Vega.

3.2. Descrição linguística

Consoante aos historiadores da língua espanhola, como Cano (2004), uma marca da língua espanhola dos séculos XVI e XVII, principalmente deste último, é a tendência à regularização linguística dos níveis gráfico-fonético e morfossintático; dado que, nesse período, o espanhol torna-se uma língua literária e de comunicação efetiva, favorecendo uma consciência (normativa) linguística em seus falantes. Se nosso tradutor é um homem de letras, essa tendência à regularização será maior se comparamos com outros textos do nosso corpus.

Embora haja casos de variação gráfico-fonética das vogais átonas (*vacilación de las átonas*), como a troca gráfica do ***i*** latino pelo comprido ***j*** ou grego ***y*** (ex.: yr, jsla, indias); ou a variação gráfica (*consonantismo*) de ***u***/***v*** (representando o fonema fricativo bilabial vozeado /β/ e também o fonema vocálico alto posterior arredondado /u/) e ***b*** (representando o fonema oclusivo bilabial vozeado /b/) (ex.: baxa, vn, nueue, aduierta, lleue, van), não são representativos nem para esta época, tampouco para este texto. Somente há dois casos que chamam atenção, a ocorrência de *Pirú*, em vez de *Perú*; e o constante vozeamento da desinência –*zco*, em *traduzgo*, recorrente nos colofões. Fenômeno este identificado apenas nas traduções de Tomás Dantisco.

Como valhisoletano que era e morador de Madri, sua escrita demonstra a perda das sibilantes de carácter africado, de maneira que /ts/ (graficamente ***c*** ou ***ç***) já se encaminhava à pronúncia fricativa /ʂ/, por sua

vez /dz/ (graficamente ***z***) também se encaminhava à fricativa /□/, bem como a perda da sonoridade; consequentemente, encontramos poucos exemplos da oscilação que havia, dada essa mudança fonética: braça, açucar, caça, haziendose, trecienta, fuerza, quinze. Apontamos, ainda, que esta baixa oscilação se dá no quadro das outras sibilantes.

Em relação aos aspectos morfossintáticos, não identificamos alguma variação passível de comentário, dado que, no século XVII, a língua espanhola se encontra em um estágio avançado de acomodamento linguístico, se comparamos com o castelhano medieval, e o tradutor por ser uma pessoa letrada, tende a regularizar sua escritura.

Embora tenhamos comentado sobre alguns aspectos linguísticos do texto em espanhol, reservaremos a próxima seção para o cotejo do texto original com o traduzido. Assim retomaremos o nível gráfico-fonético, do que já tratamos, e os níveis morfossintático, sintático-semântico e lexical. Não apresentamos nenhuma descrição linguística do texto em português por ser prescindível, neste estágio da pesquisa.

4. A tradução e o conceito de estilo

Embora se defenda uma chamada gramática universal, em que princípios linguísticos são comuns a todas as línguas humanas, sabemos que cada língua tem seu modo próprio de expressão ordinária ou extra-ordinária, ou seja, um uso linguístico que transita entre o mais estético ao menos estético – mais elaborado ao menos elaborado, mais intencional ao menos intencional etc.

Nesse sentido, entre em questão o conceito Estilo, que tem recebido inúmeras definições no curso da estilística.

Inicialmente, consideramos a Charles Bally (s/d), o qual, em seu *Tratado*, defende que estilo pode ser estudado tanto concentrado em um indivíduo, quanto em um coletivo. No primeiro, porque cada indivíduo *a sa manière propre d'employer son idiome maternel* (p. 18), empregando "*déviations*/desvios" habituais ou circunstanciais ao seu sistema de expressão linguístico; e no segundo, o coletivo, porque esses desvios podem ser compartilhados por um grupo. Contudo a ideia de desvio, inicialmente, como aquilo que foge ao ordinário, passou a ser interpretado como erro, extravio (fora da via, extraviar).

Compreender estilo como desvio, pode implicar juízo de valor,

em que a utilização de um recurso linguístico, por exemplo, é visto como estético ou não estético. Entretanto, sabemos que, numa descrição linguística, o mais satisfatório parece ser a análise em escala, *continuum*, tendo uma gradação de mais ou menos adequado, mais ou menos argumentativo, estético, consciente etc. Tentando afastar-nos de uma conceituação dicotômica de estilo que leve a uma valoração, encontramos autores que definem mais satisfatoriamente[7].

É nesse sentido de estilo, como seleção de possibilidades linguísticas, ocorrentes em um texto, que discorreremos, pois a maioria dos estudos sobre tradução, inclusive os modelos, centram-se em dois grandes eixos: tradução literal e não literal (Barbosa, 1990), e defendem que a manutenção do significado na translação da língua original para a traduzida, é a perpetuação do estilo do autor ou da própria língua original na língua do tradutor. Daí, analisarmos comparativamente a tradução em questão, do ponto de vista do primeiro plano do enunciado, descrevendo os aspectos verbal, sintático e semântico.

Hatim e Mason (1995), tratando da noção estilo em tradução, apontam para o cuidado de não fazer desse conceito um "*cajón de sastre*" (caixa de alfaiate, 'balaio de gatos'), já que, por apresentar um escopo amplo, colocam baixo essa ideia várias definições. Entretanto, pensar estilo na tradutologia é estudar o modo como o especialista lida com os planos do conteúdo e da expressão, qual dos dois é preponderante na hora de passar informações de uma língua a outra. Se é que a saliência de um deles exclua ao outro.

Na tradutografia, apresentam-se vários procedimentos de tradução. Da literatura revisada, vimos que Barbosa (1990) é completo, pois a autora apresenta uma resenha dos principais teóricos, expõe os principais modelos de tradução e propõe uma recategorização dos procedimentos de tradução.

Embora a teórica apresente vários modelos de tradução (Formal/Equivalência dinâmica; Literal/Oblíquo; Semântico/Comunicativo), é no de tradução Direta/Oblíqua, de Vinay e Darbelnet (1958), que ela se

[7] elección que debe hacer todo texto entre cierto número de disponibilidades contenidas en la lengua [...] para discernir de manera rigurosa los rasgos estilísticos de un texto, puede intentarse un doble acercamiento: por un lado, hacia el plano del enunciado, es decir, el plano de sus aspectos verbal, sintáctico y semántico; por otro lado, hacia el plano de la enunciación, es decir, el plano de la relación definida entre los protagonistas del discurso (DUCROT; TODOROV, 1995: 344)

pauta, dado que são os primeiros a sistematizar uma metodologia da translação, visassem a formulação de uma estilística comparada entre as línguas inglesa e francesa. Ressaltamos também, consoante Barbosa (1990) e Llácer (2004), quase todos os estudos sobre tradução se remetem ao de Vinay e Darbelnet, quando tocam na categorização da metodologia da translação.

Contudo, apesar do pioneirismo desses autores, Barbosa critica sua taxonomia, porque não dá conta de *todos os modos de traduzir empregados* (1990: 63), a qual oferece uma proposta de categorização sintetizada de vários estudiosos (NIDA, 1964; CATFORD, 1965; VÁZUEZ-AYORA, 1977 e NEWMARK, 1981) e outra de recategorização, segundo parâmetros seus. Aqui nos deteremos, apenas, no primeiro, como forma de classificar as técnicas tradutórias utilizadas no texto em apreço. São treze os procedimentos arrolados (BARBOSA, 1990: 63-77):

I. Tradução palavra por palavra: quando certa expressão linguística (palavra, frase, oração etc.) é expressa na língua de tradução (LT), mantendo-se as mesmas categorias num mesmo ordenamento sintático e empregando-se termos de semântica próxima aos utilizado no texto na língua original (TLO). Exemplo:

Paul	kicked	the	ball**.**
Paulo	chutou	a	bola.

II. Tradução literal: *aquela em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando, porém a morfossintaxe às normas gramaticais da LT* (*apud* AUBERT, 1987: 15) – a adequação (*alteração*) é que diferencia esta da anterior.

It	Is	a	known	fact.
Ø	é	Ø	fato	conhecido.

III. Transposição: *mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir*, exemplo:

She said *apologetically*.	Advérbio
(Ela) disse desculpando-se.	Verbo reflexivo
(Ela) disse como justificativa.	Adjunto adverbial

IV. Modulação: reprodução da mensagem original na tradução, mas em outra ótica: *Keyhole >> buraco da fechadura*.

V. Equivalência: substituição de uma expressão do original por outra na tradução: *God bless you. >> Saúde!*

VI. Omissão versus explicitação: de algum elemento linguístico que na passagem do original para a tradução é imprescindível ou redundante. É o caso dos pronomes pessoais quando se trata de tradução entre espanhol e português – neste são necessários (embora em alguns contextos sejam dispensáveis), enquanto naquela, redundantes.

VII. Compensação: deslocamento de recurso estilístico. *Os trocadilhos, por exemplo, quando não podem ser efetuados com um mesmo grupo de palavras, podem ser feitos em outro ponto do texto onde sejam possíveis, para equilibrar o texto estilisticamente.*

VIII. Reconstrução de períodos: redivisão ou reagrupamento sintático. Comum quando se trata de tradução entre línguas germânicas e latinas. Um exemplo seriam os verbos separáveis alemães (Trennbare Verben), em que não apenas haveria uma suposta mudança de posição do prefixo, como também trocamos uma estrutura prefixal por uma simples (ankommen >> chegar):

Heute	komme	ich	um	neun	Uhr	an.
Hoje	kommen: vir ankommen: chegar	eu	às	nove	horas	"para"
Eu chego hoje às nove horas.						

IX. Melhorias: correção dos *erros de fato ou outro tipos de erros cometidos na TLO*.

X. Transferência: introdução de expressão linguística da LO no texto da língua traduzida (TLT), englobando: estrangeirismo, transliteração (substituição de convenção gráfica: alfabeto cirílico para romano), aclimatação (por vezes chamado de decalque, consiste em adaptar/aclimatar formas da LO para a língua de tradução) e transferência com explicação (notas de rodapé e explicações diluídas pelo texto).

XI. Explicação: usados para evitar o estrangeirismo ou mesmo para o anaforizar: High School >> Escola Secundária, Ensino Médio, Escola Média, Segundo Grau etc.

XII. Decalque: tradução literal de sintagmas ou expressão linguística mais longa: high technology/alta tecnologia; superman/super-homem/super-hombre/Übermensch.

XIII. Adaptação: ocorrem quando *a situação toda a que se refere a texto da língua original não existe na realidade extralinguística dos falantes da língua de tradução.*

Vale ressaltar, consoante a autora, que as classificações das técnicas de tradução são de certo modo insuficientes, pois sempre há casos que fogem à proposta ou que uma escolha de tradução seja classificada em dois ou mais tipos – procedimentos híbridos. A todas essas técnicas, somamos outra: o erro, apenas citada, porém não teorizada por Barbosa (1990). Apesar de que seja arrolada por Aubert (1984), quem lista entre

as estratégias de tradução (p. 79) e serve de fundamentação teórica para a classificação feita por Barbosa.

A não listagem do erro entre as estratégias de tradução chama-nos atenção, pois, embora citado nos textos de nossas referências bibliográficas, é apenas Aubert (*idem*) quem o inclui em sua classificação e de modo neutro, porque Berman (2007), tratando da tradução literária, fala de erro relacionando a deformação, empobrecimento, destruição, isto é, assinala apenas o lado negativo da ocorrência do erro na tradução. Somente em Gouadec (1974, p. 9), há um comentário maior acerca do erro, considerando-o como nascido de uma apreciação defeituosa do contexto e supõe automaticamente certa degradação na compreensão textual. No entanto, é bom lembrar que os possíveis erros de tradução podem provir de uma inadequação ou falha de compreensão, ou mesmo duma tentativa de aproximar o máximo possível a tradução do texto original, a ponto do leitor *não se "sinta" a tradução, deve-se traduzi-la de maneira que a dar impressão de que é isso que o autor teria escrito se ele tivesse escrito na língua para a qual se traduz* (BERMAN, 2007, p. 33).

5. Exemplos da análise cotejada

Nesta seção, apresentaremos um listado da análise realizada no cotejo entre os textos original e tradução, sem pretensão à exaustividade. Entre chaves, indicamos a folha e a linha.

> {f1} {1} Almazonas para *Amazonas*: o tradutor corrige a grafia almazonas, ocorrência não comum em língua portuguesa dessa época, como verificamos em consulta ao *Corpus do Português* (CdP). Um exemplo de tradução por melhoria.
>
> {4} "quem vier demandar" para "*quien quiere yr en busca*": na tradução a locução verbal é traduzida de maneira mais modalizada, substituindo por uma locução espanhola mais volitiva do que a portuguesa [*querer + ir* (*en busca*)]; embora, nessa época, o verbo espanhol demandar tivesse também o sentido de procurar, buscar, o tradutor preferiu acrescentar mais um verbo, de modo que a atitude modalizante tende a deonticidade.

A este caso não conseguimos encaixá-lo satisfatoriamente na taxonomia proposta pelos autores, em especial Barbosa. Aproxima-se da tradução por modulação, em que a reprodução da mensagem é feita sob outra perspectiva. Vejamos o exemplo dado pela autora: *It is easy to demonstrate – tradução literal: É fácil demonstrar / tradução modulada: Não é difícil demonstrar*; logo podemos entender que a modificação de modalização, seja deôntica, epistêmica ou alética, pode ser vista como

modulação.

> {10} "praia darea" (praia d'areia) para "*playa de la Rea*" – este é um exemplo de tradução por erro, em que Dantisco supõe que *darea* é 'de + a rea', feminino de réu. Assim, nessa semelhança de estrutura entre as línguas, ele apenas adapta ao espanhol. Apesar de resistimos a classificação como erro, consultamos ao *Corpus Diacrónico del Español* (CORDE) e observamos a ocorrência da palavra 'rea' apenas como feminino de réu (*reo*/*rea*, em espanhol).
>
> {10} "selão negro" para "*selon negro*" – semelhante ao caso anterior, mas pela adaptação fonológica da desinência –ão em –ón, comum e regular entre as duas língua em questão, pode ser entendido como tradução por transferência de estrangeirismo aclimatado ao espanhol.
>
> {14} "prasés" "*plasens*" – tradução dada ao nome de um dos povos indígenas da região. Aqui também ocorre uma aclimatação ao espanhol, que já incorporara nomes de outros povos ameríndios.

Visto que no *corpus* em estudo é corrente esse tipo de tradução, é útil a distinção entre estrangeirismo e empréstimo, no primeiro a transferência não ocasiona integração estrutural à língua receptora, tão pouco o consequente uso; já no empréstimo, posto que apresenta um maior grau de uso, há uma adaptação total da estrutura (chulipa, escrete, nocaute, piquenique, sinuca, time, são formas inglesas de sleeper, scratch, knockout, pic-nic, snooker e team, Ferreira, s/d, *apud* Barbosa).

A diferenciação entre empréstimo e estrangeirismo, baseada em Yebra (1984, apud Barbosa), tem algo de incongruente, pois, embora, na tradução, uma palavra portuguesa (no caso, uma língua indígena – inclusive é mais frequente com esta) tenha sua adaptação ao espanhol, não quer dizer que ela foi incorporada ao léxico castelhano. Essa inferência vem da consulta aos bancos linguísticos já citados (CORDE e CdP).

> {f2} {4} "temdo vista" para "*descubriendo la jsla*" – é mantido o gerúndio, mas há a substituição da locução por outro verbo, quase sinônimos. Um caso de transposição, mudança de categoria gramatical (BARBOSA, 1990: 66).
>
> {7} "virem" para "*viere una abertura*" – mudança de número, plural para singular, assim como na folha 4, linha 17, "e chegarem" para "*y llegar*". Igualmente, transposição.
>
> {10} "enchente de mare" para "*creciente de la marea*" – um caso de tradução palavra por palavra, em que o tradutor opta por manter mesma estrutura gramatical e aspecto semântico do português para o espanhol, que usa esta locução no âmbito técnico.

Este tipo de técnica é a expectativa geral com relação à tradução: quanto mais fiel ao original, melhor é o texto – quer dizer, mais próximo é o texto traduzido do original, menos interferência ocorreu por parte do

tradutor. Por isso que quando tratamos de Tradução, parece que tratamos de Edição de texto, já que ambas têm por meta interferir o mínimo possível em seu objeto de trabalho: o texto.

> {10} "a vista que as aguas correm o este" para "*y aduierta que las aguas correm para Oeste*" – a expressão 'a vista', entendida como 'considerando que, sabendo que etc', Tomás Gracián traduz como uma oração aditiva. A classificação mais próxima a essa escolha é a reconstrução de período, contudo, segundo o critério utilizado por Barbosa (p. 70-71), uma reconstrução implica numa melhoria, evento não observado no texto em espanhol, já que em português não existe "erro" a ser corrigido.
>
> {15} "E surgira tamto que for preamar tem este Rio" para "*y surgirá mientras fuere por la marea*" – em português, preamar significa maré-cheia, maré alta; em espanhol, há o correspondente *pleamar* ("*la mayor altura de la creciente del mar*", DRAE, 1803.). Não obstante, surge a dúvida: por que será que o tradutor escolheu *por la marea* e não *pleamar*. Talvez tenha entendido preamar como [per + a mar], traduzindo palavra por palavra: *por la marea*; ou mesmo uma questão de preferência.
>
> {f3} {1} "varges de masapes" para "*varges de Masapes*" – exemplo perfeito de transferência por estrangeirismo, sendo que em espanhol há um equivalente para vargem, *vega*; contudo, quanto a massapê ou massapé a transferência total é explicada, dado que se considera uma designação popular, sendo impossível seu registro em dicionários espanhóis da época.
>
> {f3} {2} "arvoredo" "*arboleda*"; {8} "terras em pipas" "*tierras en pipas*"; {f4} {8} "pera" para "*para*" (pera o sul / para el Sul); "fazendolhe" para "*haziendose*" – exemplos de tradução palavra por palavra.
>
> {13} "300" para "*trecienta*" – uma tradução literal, porém, como humanista que era, o tradutor escolhe traduzir o numeral por extenso e não em algarismo.
>
> {16} "o poboado" para "*y poblando*" – neste caso, o tradutor altera a perspectiva da frase, alternativa para aditiva, e corrigi onde o autor grafou erroneamente – povoado por povoando – também podendo ser classificada como melhoria.

6. Considerações finais

Quando da revisão literária a respeito da temática, observamos, consoante García-Medall (2000), que existem poucas referências sobre o tema tradução entre as línguas portuguesa e espanhola, quase sempre se restringem a trabalhos monográficos e sem ampla divulgação. Não é ao acaso que nossa bibliografia é um espelho dessa escassez. No entanto, é algo que parece estar em mudança, principalmente no estágio moderno dessas línguas, exemplo disso, ainda que modesto, é nossa análise.

No que se refere ao cotejo entre os textos, acreditamos que permi-

ta o estabelecimento de características gerais no estilo de traduzir de Tomás Gracián e, de certa forma, no estilo de traduzir da época da União Ibérica. Já que a ideia do humanismo permeando a mentalidade de então, a crescente conscientização linguística dos hispanos-falantes, o aumento da produção literária, entre outros aspectos nos induzem a hipótese de que havia uma regularidade no modo de escritura e tradução nesse período – daí os inúmeros manuais de bem escrever cartas, como uma do próprio tradutor.

Notamos que existe uma preferência de Dantisco em interferir o mínimo possível na tradução, manter os termos técnicos, transferência adaptada da antroponímia. Os erros encontrados se organizam em torno de vocábulos provindos de línguas indígenas, origem popular ou escritos de modo mais embaraçoso, como é o caso da escritura do texto em português.

Posto que as línguas portuguesa e espanhola compartilham parâmetros linguísticos, faz com que haja uma inclinação a tradução literal – pensando nos principais eixos de discussão na tradutologia: tradução literal e não literal. Essa manutenção de conteúdo e expressão da língua portuguesa na espanhola é perceptível desde o nível da grafia até o semântico. Não encontramos um único trecho que fora assim traduzido. Confirmando a defesa de Vinay e Darbelnet em relação à tradução oblíqua frente à literal, pois, segundo eles, a primeira é executada quando

> o texto que produziria na língua de tradução poderia ter significado diverso do original; não ter significado; ser estruturalmente impossível; não ter correspondência no contexto cultural da língua de tradução ou ter correspondência, mas não no mesmo registro (1977: 49, apud BARBOSA, 1990, p. 24).

De sorte que podemos, quando ampliarmos nosso estudo ao grupo de textos *Empresa del Marañón*, inclusive outras traduções da época, confirmar a hipótese de que o modo de translação é aproximado ao que faz o secretário real de línguas, Tomás Dantisco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, Francis Henrik. Descrição e quantificação de dados em tradutologia. *Tradução & Comunicação*: Revista Brasileira de Tradutores, São Paulo, v. 4, p. 71-82, junho 1984.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução*: uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990.

BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. 2. ed. Paris: Klincksieck, s/d. Vol. 1.

BERNAN, Antoine. *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo.* Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BERWANGER, Ana Regina. *Noções de paleografia e de diplomática*. 2. ed. Santa Maria: UFSM, 1995.

BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da lingua portugueza*. Reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Tomo I (A-K).

CANO, Rafael (Coord.). *Historia de la lengua española*. Barcelona: Ariel, 2004.

CONSTANCIO, Francisco Solano. *História do Brasil*, desde seu descobrimento por Pedro Álvarez Cabral até à abdicação do imperador D. Pedro I. Tomo I. Paris: Livraria Portuguesa, 1839.

COVARRUBIAS HOROZCO, Sebastián de (1611). *Tesoro de la lengua castellana o española.* Edición integral e ilustrada de Ignacio Arellano y Rafael Zafra. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2006.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português* (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje.* 17. ed. Tradução de Enrique Pezzoni. Madrid: Siglo Veintiuno, 1995.

GARCÍA-MEDALL, Joaquín. Traducción español-portugués – lagunas y perspectivas. In: *Hermeneus*: *Revista de la Facultad de Traducción e Interpretación de la Universidad de Soria*, n. 2, 2000, p. 125-150.

GOUADEC, Daniel. *Comprendre et traduire*. Paris: Bordas, 1974.

HATIM, Basil; MASON, Ian. *Teoría de la traducción*: una aproximación al discurso. Traduzido por Salvador Peña. Barcelona: Ariel, 1995.

LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española***.** Madrid: Gredos, 1981.

LORENZO CADARSO, Pedro Luis. Cláusulas y formulismos en la documentación judicial castellana de los siglos XVI y XVII. In: *Signo. Revista de historia de la cultura escrita.* Alcalá de Henares, n. 6, p. 205-

221, 1999.

PALAZUELOS, Juan Carlos *et al*. *El error en traducción.* Santiago de Chile: Universidad Católica de Chile, 1992.

PARRA GALIANO. *La revisión de traducciones en la traductología.* Tese. Universidad de Granada (España), 2005.

_____. Propuesta metodológica para la revisión de traducciones: principios generales y parámetros. In: *Revista TRANS,* n. 11, Universidad de Málaga, 2007, p. 197-214.

PROCÓPIO, Eliabe. *Documentos relativos ao Brasil conservados nos arquivos públicos espanhóis (1535-1625).* Curitiba: Prismas/Appris, 2012.

_____. *Documentos relativos a Brasil conservados en los archivos españoles (1535-1625)*: edición y estudio. Monografia. Consejo Superior de Investigaciones Lingüísticas, Madrid (España), 2010.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española.* Madrid: Espasa Calpe, 2001. Edición en DVD-ROM.

_____. *Corpus diacrónico del español* (CORDE): Banco de datos. Disponível em: <http://www.rae.es>.

SÃO JERÔNIMO. Praefatio, In: *Eusebii Caesariensis Chronicon*. Versão fac-similar do manuscrito de Merton 315, disponível em: <http://www.tertullian.org/fathers/index.htm#jerome>.

SILVA**,** António de Morais. *Diccionario de lingua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813**.**

SILVA, Márcia Moura da. *Análise da tradução de termos indígenas em Macunaíma de Mário de Andrade na tradução de Héctor Olea para o espanhol*. Dissertação de mestrado em estudo da tradução. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

VILLADA GARCÍA, Zacarias. *Paleografía española*, precedido de una introducción sobre la paleografia latina. Madrid: Publicaciones de la Revista de Filología Española, 1923

WADDINGTON, Christopher. *Estudio comparativo de diferentes métodos de evaluación de traducción general* (inglês-español). Madrid: Universidad Ponticia Comillas, 2000.